



Estrela do mar, por Carlos Pereira

Aquarela em papel, 2024

Fundo: Oceano, por Carlos Pereira. Aquarela em papel, 2024

EDITORIAL

por Glábia Soraia Andrade Silva

Este é o primeiro número do segundo volume de nossa revista *Pedagogia da Ancestralidade*, e iniciamos este ano de 2024 com muita fé, esperança e sede por bem-viver, pelos Tempos e Espaços de bem-querência. Tempos e Espaços que são tão nossos... Sim, estes nos pertencem.

As grandes feitura, fazeduras e sabenças repletas de carinho, admiração, cura e de um reconhecer-se enquanto sujeitos capazes de escrever, parar, refletir, tornar a escrever... E ler... pertencem a esses sujeitos que ao sentir-se partícipes e autores, protagonizam e compõem lindamente estas páginas.

Esse estar, permanecer, ficar não pode ou deve ser encarado apenas como uma parcela do todo, mas, deve ser visto e tido com inteireza, como que fazendo com que nos percebamos enquanto sujeitos inteiros caminhantes nesta bela jornada de entrega... Entrega essa de florinhas brancas, num cesto repleto de alfazema, mel, perfumes e tudo o que há de melhor para aquela que nos ama e por nós zela. Aquela que sempre haverá de zelar por seus filhos.

Por meio dessas fazeduras sem fim, pessoas de todas as idades foram convidadas e se convidaram a cruzar livremente as muitas águas: ora de rio, ora de mar, ora de cachoeiras, ora de riacho... E a se banhar, também, nas gotas da chuva. Ah, pois foi assim...

A Ancestralidade nos banhou, nos fartou, nos fez e faz prosseguir, e seguir em frente. Porém, diferente do que se espera dessa gente, vamos, sim, olhar para trás. Nosso passado importa, são fatos históricos, únicos e singulares. Mesmo na pluralidade, somos feitos de unicidade. E não há outro, outra, outre como a gente. E ponto.

Falamos, poetizamos, desenhamos, bordamos, dançamos, entoamos, batucamos, escrevemos, cozinhamos, fotografamos, rimamos, silenciemos... Resistindo, insistindo, persistindo, pois somos calcados na ardidez: temos dentro e fora da gente os nós desfeitos por nossos Ancestrais, que, tinosos feito pedra, nos ensinaram a lutar e a conquistar.

E, dentre esses olhares tão profundos... Bem lá no fundo das e nas profundezas das águas, das pessoas, dos antigos, dos velhos e velhas que vieram, que estiveram, que passaram, a Ancestralidade clama, canta, brinca, ginga, entoa, macera, pila, sacode e arrodeia... Reza, sente, percebe, assenta, firma, crê e faz acreditar. Passeia, dando uma, duas, três voltas lá fora... Não precisa de porta nem janela. Apenas, é.

Neste momento, neste tempo, neste espaço, os múltiplos tons do azul e do branco correm e percorrem, calmos, mas audaciosos feito os aguaceiros... A Vida, majestosa e vestida de leves tecidos é capaz (e como él!) de carregar, em suas mãos, um pesado espelho, forjado na cura, nas andanças e bailados da força e doçura da Senhora dos Rios.

Sim, a Grande Mãe, a Rainha dos Peixes, esteve, está e sempre estará por aqui, em um ir e vir infinitos: ora se apresentando no rodopiar de novos filhos, ora se manifestando, sem pedir licença, mas respeitando o tempo do coração, preparando a cabeça, a mente e sarando aqueles que aprenderam há tempos, com a dura jornada, que tudo que lhes resta de herança seria, ainda, o tempo ruim.

Sim. Ela cura mente "ruim". *Yemonja, Inaé* é a Dona desse Caminho, e se apresenta vez por outra também como A Velha, mancando, cansada demais após uma briga daquelas *Aquele que transforma a pedra em sal*, Exu, o Senhor das Encruzas. E nestes Cruzos, Rezos e Toadas, encontramos as poesias, poemas, prosas e quadrinhas... Que encham e preenchem de gozo e encantaria a todes quanto assim desejarem...

Sim, elas, as palavras escritas, proferidas e proclamadas convidam a girar nessa roda sem fim, cirandando sem parar ante tamanha beleza, grandeza e formosura dos passos dados por tantas letras. Mas, se não couber à escrita alfabética, tem medo não.

Cercados das muitas cores, das muitas tintas, e tamanho afeto, como num cortejo exuberante, lá vêm eles: os pincéis, as brochas, rolinhos e retalhos, marchando, manchando e desmanchando padrões do ensino de uma arte distante, longínqua e castradora. Sim, é hora, e a hora é agora. Hora de anunciar as boas-novas dos corpos e corpas-territórios que denunciam, dilaceram e estropiam padrões arraigados na Colonialidade.

O grafismo, os tons da terra, dos barros e das serras contidos e escondidos nos desenhos, esculturas e fotografias estão a gritar, e rugem, e surgem urgentemente alertando para nos debruçar, atentamente, e atender Vovô, e acolher com carinho e atenção aos conselhos de Vovó. Seja Dindinha Luzia, seja Zé Carlo, seja Pai Cipriano ou Vovó Catarina... Seja quem for, sejam como for, pedimos sua benção.

Pratos, panelas, jarros, cuias, cumbucas, gamelas, alguidares, canecas e canecos nos encham de saudade. Mais uma, mais duas, mais três vezes... Tocam-nos, nos apeteçam, nos encorajam a lembrar e cultivar as memórias de quem somos, de quem carregamos, de quem, tão generosamente nos carrega.

Como diz a cantiga, *quem escuta a Mãe-d'água cantar, vai é com ela, vai mais ela... para o fundo do mar.*

Ansiamos e desejamos do mais íntimo de nossos corações que todes embarquem e não desçam jamais dessa barca, não antes de viver todos os sonhos que nossas feitura têm para oferecer.



*Ibins de Babá, por Carlos Pereira
Aquarela em papel, 2024*